

Revista VOZ DA PALAVRA

ISSN 3085-9026



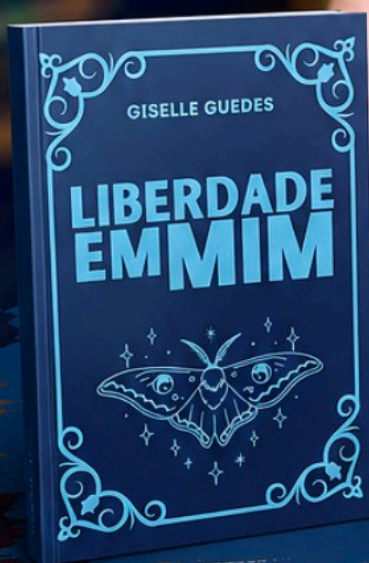
9 73085 902608 8

POESIAS • CORDEL • ALDRAVIA • CRÔNICA • CONTO • ENSAIO

Destaque de Capa

Giselle Guedes

Jovem escritora,
ativista e voz da
sua geração.
Literatura que
nasce da vivência
e se transforma
em inspiração.



AUTORA DE
LIBERDADE EM MIM

Seu primeiro livro
de poesias, que
revela sentimentos,
reflexões e a força
da juventude.

*Palavras
que ficam.
Vozes que
transformam.*

ISSN 3085-9026



9 73085 902608 8

Revista Voz da Palavra



Volume 2

E-mail: profgilsonpontes4@gmail.com

Contato: (85) 9 9648-2190

Julho - 2026/Fortaleza/CE

Editores

**Gilson de Albuquerque Pontes
&**

Pedro Blum de Moura

Copyright © Revista Voz da Palavra

OS EDITORES DA REVISTA



Gilson Pónthes



Pedro Blum

Escritores e Poetas Nesta Revista

- Baltazar Pedra Branca
- Bernivaldo Carneiro
- Giselle Guedes
- Gilson Pónthes
- Isabel Barros
- Pedro Blum

**CULTIVAR A MENTE
É COMO SEMEAR LUZ:
QUANTO MAIS SE APRENDE,
MAIS O PENSAMENTO
SE ILUMINA.**

EXPEDIENTE

**Presidente: Gilson de Albuquerque Pontes
e Vice-Presidente: Pedro Blum de Moura
Revista: Voz da Palavra
Editor Chefe: Gilson de Albuquerque Pontes
Criadores da Revista: Gilson de Albuquerque
Pontes
e Pedro Blum de Moura
Revisão: Emmanuela A. Amaral de Moura
Design e Diagramação: Gilson Pónthes
Ilustrações: Gilson de Albuquerque Pontes
Colaboradores desta revista:
Redes Sociais: Site, Instagram,
Facebook, Google e WhatsApp**

NOTA

**Todos os textos e imagens
publicadas
são de responsabilidade
da revista.**

**A reprodução é permitida somente
com autorização por escrito.**



EDITORIAL

Revista VOZ DA
PALAVRA – Edição 2 • Nº
29 • Julho de 2026

A Revista VOZ DA PALAVRA chega à sua 29ª edição reafirmando o compromisso de abrir espaço para novos talentos da literatura brasileira. Acreditamos que incentivar jovens escritores é investir no futuro da cultura, da leitura e da formação de uma sociedade mais sensível, crítica e humana.

Nesta edição, temos a alegria de destacar na capa a jovem escritora Giselle Guedes, que, ainda na adolescência, demonstra maturidade literária, compromisso social e sensibilidade poética. Sua trajetória comprova que talento, dedicação e amor pela literatura não dependem da idade, mas da força das ideias e da sensibilidade de quem escreve.

Nosso propósito permanece o mesmo: oferecer oportunidades para autores iniciantes e experientes, valorizando a diversidade de estilos e gêneros literários. Em nossas páginas convivem poesia, cordel, trova, conto,

crônica, ensaio, aldravia e tantas outras formas de expressão literária, fortalecendo o diálogo entre gerações e incentivando o surgimento de novas vozes.

Agradecemos aos colaboradores, leitores e parceiros que acreditam neste projeto cultural. Que esta edição inspire novos escritores, desperte leitores e fortaleça a convicção de que a literatura continua sendo um instrumento de transformação, liberdade e esperança. Desejamos a todos uma excelente leitura!

Gilson Pónthes
Presidente

Pedro Blum
Vice-presidente



Sumário

Sobre a Autora: Giselle Guedes	7
Sobre a Autora (continuação)	8
Regresso de Crescimento – Giselle Guedes	9
Regresso de Crescimento (continuação)	10
Entrevista: Giselle Guedes	11
Entrevista (continuação)	12
Conversas com o Vento – Gilson Pónthes	13
Conversas com o Vento (conclusão)	14
Entre o Céu e o Mar – Gilson Pónthes	15
Em Tese – Isabel Barros	16
Sejamos Felizes – Pedro Blum	17
Bernivaldo Carneiro	18
A Cidade Invisível – Baltazar Pedra Branca	19
O Que Você Evitou Dizer – Baltazar Pedra Branca	20



SOBRE A AUTORA: GISELLE GUEDES

Há escritoras que fazem da palavra um refúgio; Giselle Guedes faz dela uma revolução íntima. Sua poesia nasce daquilo que transborda, daquilo que não pôde ser contido em silêncios. Cada verso é uma ferida exposta que, ao mesmo tempo, cura. É confissão, desabafo e liberdade, tudo misturado no gesto simples de escrever para existir.

Nestes poemas, Giselle revela que a inspiração não mora apenas nos instantes felizes, mas sobretudo nas dores que pedem voz, nos desencontros da alma, nas cicatrizes que se recusam a permanecer escondidas. Sua poesia é uma travessia: começa no caos, atravessa a melancolia, mas encontra sempre a centelha da vida que insiste em se afirmar.

Inspirada pela própria experiência e pelas inquietações de sua geração, Giselle escreve como quem respira: sem artifícios, sem máscaras, sem medo de ser julgada. Suas palavras falam de libertação, de identidade e de força.

Falam de ser inteira, mesmo quando a vida insiste em nos dividir em metades.

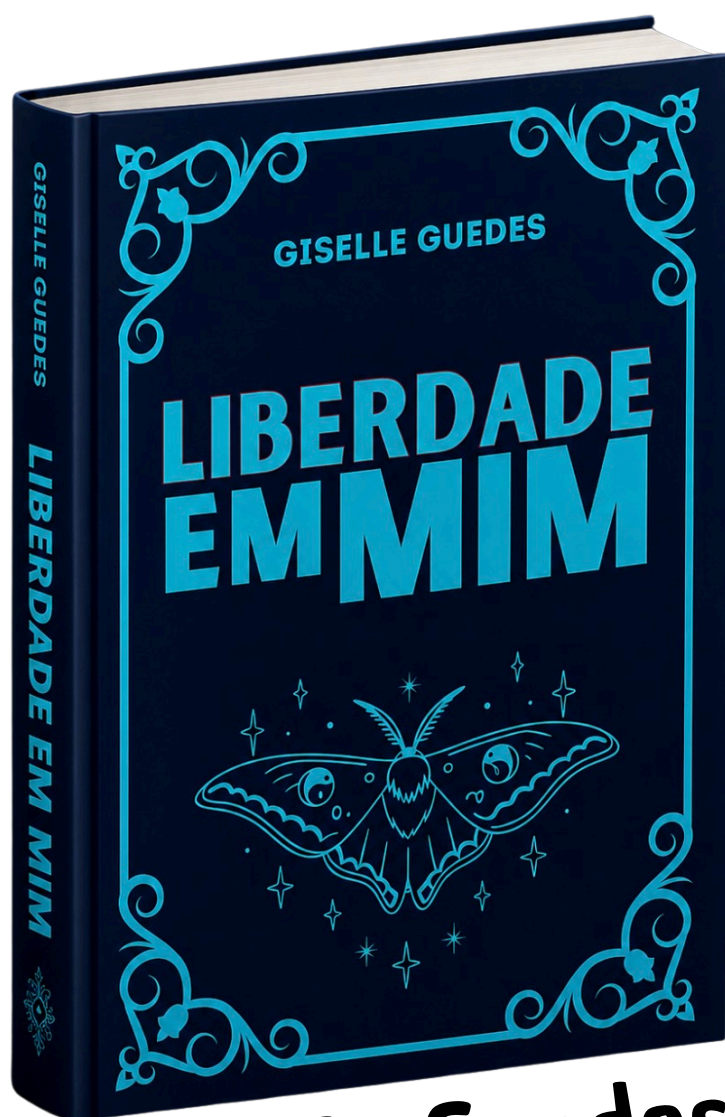
o leitor encontrará nestas páginas mais que versos: encontrará ecos de uma voz que não sabe calar, encontrará companhia nos dias de sombra, encontrará coragem para se reconhecer humano. Porque, em cada poema de Giselle Guedes, há um convite silencioso e ao mesmo tempo urgente a se libertar pela palavra. escritoras que fazem da palavra um refúgio; Giselle Guedes faz dela uma revolução íntima. Sua poesia nasce daquilo que transborda, daquilo que não pôde ser contido em silêncios. Cada verso é uma ferida exposta que, ao mesmo tempo, cura. É confissão, desabafo e liberdade, tudo misturado no gesto simples de escrever para existir.

Nestes poemas, Giselle revela que a inspiração não mora apenas nos instantes felizes, mas sobretudo nas dores que pedem voz, nos desencontros da alma, nas cicatrizes que se recusam a permanecer escondidas. Sua poesia é uma travessia: começa no caos, atravessa a melancolia, mas encontra sempre a centelha da vida que insiste em se afirmar.

Inspirada pela própria experiência e pelas inquietações de sua geração, Giselle escreve como quem respira: sem artifícios, sem máscaras, sem medo de ser julgada. Suas palavras falam de libertação, de identidade e de força.

Falam de ser inteira, mesmo quando a vida insiste em nos dividir em metades.

O leitor encontrará nestas páginas mais que versos: encontrará ecos de uma voz que não sabe calar, encontrará companhia nos dias de sombra, encontrará coragem para se reconhecer humano. Porque, em cada poema de Giselle Guedes, há um convite silencioso e ao mesmo tempo urgente a se libertar pela palavra.



Giselle Guedes

Regresso de Crescimento

Giselle Guedes

**Crianças que crescem no tempo errado
Se tornam imaturas no seu caminhar
Pensam que sabem de tudo na vida
Sem nunca ter tempo pra se encontrar.**

**Acreditava ter a mente dobrada,
Maturidade que me destacava
E até certo ponto, era verdade,
Mas hoje não sei se enxerguei bem.**

**Eu via o vazio no olhar dos meus pais,
Tentava em vão, preencher cada dor
Me culpava por tudo o que os faltava
Como se dependessem do meu amor.**

**Achava eles cegos, sem perceber
Que tinham idade pra se entender
Então , por que me torturei?
Por que achei que os salvaria?
Se nem eu mesma me encontrei?**

**Abusei do tempo e corri sem freio,
Uma criança que entende demais
Cresce sem rumo, sem identidade
E sente o peso de olhar para trás.**



continua...

Meus medos se escondem,
Não sei decifrá-los
Não passam no filtro do meu radar
Eu tento explicar o que me sufoca,
Mas tudo que sinto me faz calar.

Vejo o mundo errando ao meu redor
Se ferem, se estragam,
Têm chance de errar
Mas eu fui treinada a nunca falhar
E quando eu erro, não sei consertar.

Levo sermões como se a Terra
Eu tivesse acabado de bombardear
E sem entender a gravidade,
Fico parada, sem reparar.

Cresci num lar de vozes cortantes
Onde o choro é piada
E gritos são lei
Onde o desespero se faz rotina
E o medo me prende a quem eu amei.

Como uma irmã mais velha,
Carreguei o peso,
Escondi o afeto,
Engoli o medo
Fui forte demais quando era pequena
Agora estagnei no tempo
Freei, perdi o jeito de pilotar

E tudo que resta é chorar?
O amor que busquei me prende e sufoca
E o choro é alvo de riso na escola
Quem correu do tempo tem medo de ir
Mesmo já tendo ido além do que quis
Fugimos do mundo sem confiar

Se estamos prontos pra existir.
Vivo presa, como Rapunzel,
Sem perceber que o laço aperta,
Amargos por dentro,
Doces por fora
Carregamos traumas de porta aberta,
Afinal, somos poetas.

Nos tornamos tensos,
Mergulhamos em livros,
Fugimos da vida, do medo e do som,
Falamos de política,
Do caos do mundo,
Pois o nosso próprio já parece em vão.

Minimizamos nossa dor,
Pois dizem que um dia tudo se apaga
E assim seguimos, sem terapia,
Sem cuidar do que nos rasga.
Apego demais ou nada demais,
Oscilo entre tudo e o nada sentir

Pois enquanto salvo o mundo inteiro,
Nunca aprendi a me acudir.
E assim seguimos, geração cansada,
Passando traumas para quem vem atrás
Fazendo de novo, sem perceber,
Outras crianças crescerem demais

Destaque de Capa –
Revista VOZ DA PALAVRA
Edição 2 • Nº 29 • Julho de
2026

1. RVP: Você publicou seu primeiro livro ainda muito jovem. Como nasceu o desejo de escrever e o que a motivou a transformar seus sentimentos em poesia?

GG: A escrita surgiu na minha vida como uma forma de compreender aquilo que eu sentia e, muitas vezes, não conseguia expressar em voz alta. Então não foi um processo forçado ou intencional, eu só sempre tive uma necessidade de escrever e acabei me encontrando tanto nas palavras que percebi um dia que havia, por conta própria, criado um espaço seguro para meus sentimentos, transformando minhas emoções em arte capaz de alcançar outras pessoas. A poesia nasceu justamente dessa necessidade de dar

significado aos sentimentos e de mostrar que até as experiências mais difíceis podem florescer em arte e ser ponto de esclarecimento mental para outras pessoas.

2. RVP: Em Liberdade em Mim, quais temas e mensagens você mais deseja transmitir aos leitores, especialmente aos adolescentes da sua geração?

GG: Liberdade em Mim fala sobre autoconhecimento, amadurecimento, coragem e a importância de permanecer fiel à própria essência. Quero que os leitores entendam que não precisam esconder quem são para serem aceitos e que tudo muda, se transforma e passa. Espero que cada poema seja um convite para acreditar em si mesmo e recomeçar com mais liberdade dentro de si.

3. RVP: Além de escritora, **11**

você atua na defesa dos direitos da criança e do adolescente. De que forma essa experiência influencia a sua escrita e sua visão de mundo?

GG: Minha atuação ampliou profundamente minha forma de enxergar o mundo. Convivo com diferentes realidades que me ensinaram empatia, responsabilidade e o poder da escuta. A literatura também pode ser uma ferramenta de transformação e conscientização.

4. RVP: Participar de eventos literários como a FLIE e a Feira Literária de Cascavel representou um marco importante em sua trajetória. O que essas experiências acrescentaram à sua formação como escritora?

GG: Minha maneira de vender meus livros vai além do comercial: é baseada na conexão. Gosto de contar minha história, ouvir outras

pessoas e valorizar cada evento literário do qual participo.

5. RVP: Que mensagem você gostaria de deixar para crianças, adolescentes e jovens que sonham em escrever, publicar um livro e acreditar no poder transformador da literatura?

GG: Apenas façam! Não liguem para quem diz que você é jovem demais. Escrevam com sinceridade, leiam muito, persistam e não tenham medo de sonhar. Sua história pode transformar a vida de alguém.



Conversas com o Vento

por Gilson Pónthes

Há ruas que falam. Outras guardam silêncio. O curioso é que o silêncio também tem voz — uma voz baixa, quase sussurrada, que só se deixa ouvir por quem aprende a caminhar devagar.

Moro há quinze anos na rua Adolfo Moreira de Carvalho, no bairro Edson Queiroz. Quinze anos são tempo suficiente para conhecer o humor das manhãs, a preguiça das tardes e a forma como o vento dobra a esquina sem pedir licença.

A rua é tranquila. Serena até demais. As casas estão alinhadas como quem guarda um segredo. Muros altos, portões fechados. Atrás deles vivem pessoas — imagino. Riem, conversam, vivem suas histórias. Mas do lado de fora quase nada se vê. A rua, que nasceu para ser lugar de encontro, tornou-se apenas caminho de passagem.

Às vezes saio com uma vassoura na mão. Não é apenas para varrer folhas. É também para varrer o silêncio que se

acumula nas calçadas. Enquanto varro, observo. O céu passa devagar sobre os telhados. Uma nuvem se desfaz. Um pássaro atravessa a tarde como quem escreve um risco no ar.

Plantei duas árvores na frente da minha casa. Não foi só por beleza. Foi por esperança. Árvore é promessa de sombra e também convite: quem sabe alguém pare um instante, respire, olhe em volta e descubra que a vida também mora do lado de fora das casas.

As árvores conversam comigo. Não com palavras, mas com folhas. Quando o vento chega, elas respondem com um leve murmúrio verde. É como se dissessem que o mundo continua vivo, apesar do silêncio.

O vento é o visitante mais fiel da rua. Ele passa livre, entra por entre os portões, atravessa as calçadas e segue adiante. O vento não conhece muros. Talvez por isso seja tão sábio.

continua..

13

Às vezes fico parado olhando a rua quase vazia e penso que ela tem saudade. Saudade de quando as pessoas se sentavam nas calçadas para conversar, de quando um simples boa tarde era suficiente para criar amizade.

Hoje cada casa parece um pequeno mundo fechado em si mesmo. Mas a vida — penso eu — não nasceu para ser vivida apenas entre paredes. A vida gosta de portas abertas, de árvores, de passos lentos e de conversas que não têm pressa.

Por isso continuo ali, na calçada. Varro o chão, cuido das árvores, escuto o vento. E, enquanto o silêncio passeia pela rua, fico imaginando que talvez um dia alguém abra o portão, atravesse a calçada e descubra que a rua também é um lugar para viver.

Até lá, sigo conversando com o vento.



ENTRE O CÉU E O MAR

De Gilson Pónthes

Diante do mar

Na areia mansa de Guajirú,
o tempo aprende a silenciar,
e o coração, sem pedir licença,
começa devagar a escutar.

O céu bordado em nuvens leves,
como algodão que Deus soprou,
desenha sonhos sobre o mundo
e acalma tudo o que restou.

O mar, tão calmo, quase reza,
em ondas que sabem chegar
sem pressa alguma, como quem
veio apenas para amar.

As velas dançam no horizonte,
guiadas pelo sopro divino,
e cada cor que corta o vento
parece um traço do destino.

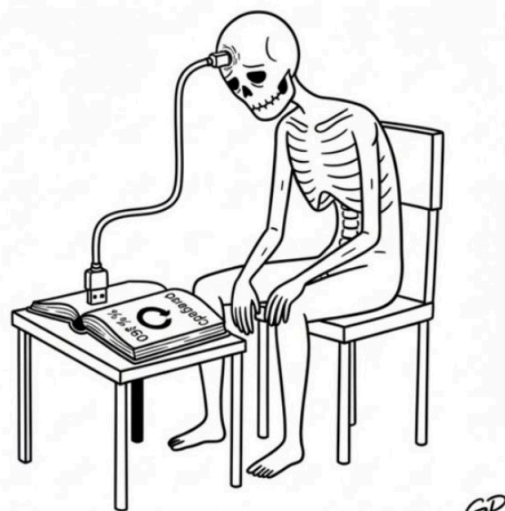
Nos coqueirais, o vento fala
segredos que ninguém mais diz,
e nas dunas, o sol repousa
como promessa de um dia feliz.

E ali, sozinho — mas completo —
o homem encontra o que é seu:
não só a beleza da praia,
mas o silêncio onde habita Deus.



Flecheiras - Ceará

O “Carregamento” da Cultura



FOI NAS MÃOS ABENÇOADAS
DA MINHA PARTEIRA
QUE O AMOR ME PROTEGEU
PELA PRIMEIRA VEZ...



Em Tese – Isabel Barros

Poeta escreve com o coração
E a alma caminha
Entre linhas com lápis na mão.
Poeta escreve com o coração
E a alma caminha
Entre linhas com lápis na mão.
Medita com razão
E enfeita suas emoções.
Traduz com coerência
Superando as evidências
E quando fala do amor
O poeta sofre mais dor.
Enxerga diferentemente,
Colhendo emoções alheias.
A poesia não envelhece,
A poetisa sim!
Os poetas vivem fantasiando
Novas experiências de versos.
Em tese poética,
O poeta escreve com arte.
A arte não reproduz o visível,
Torna visível o invisível em tese.
Medita com razão
E enfeita suas emoções.
Traduz com coerência
Superando as evidências
E quando fala do amor
O poeta sofre mais dor.
Enxerga diferentemente,
Colhendo emoções alheias.
A poesia não envelhece,
A poetisa sim!
Os poetas vivem fantasiando
Novas experiências de versos.
Em tese poética,
O poeta escreve com arte.
A arte não reproduz o visível,
Torna visível o invisível em tese.



ISABEL BARROS



SEJAMOS FELIZES



Por: Pedro Blum

Sorrindo para a vida,
vejamos o tempo passar,
sem pensar na despedida,
deixando as águas rolar.

Curtindo, brincando e dançando,
escrevendo, compondo e rimando,
bons ambientes frequentando,
da saúde sempre cuidando.

Indo à missa e rezando,
pedindo pelos irmãos,
para a alma salvar,
praticando a solidariedade,
seja qual for sua idade.

Morrendo, nada vai levar;
quanto mais vaidade,
mais no mundo irá pecar.

Vivendo sempre na sua,
respeitando o morador de rua,
ajudando no que puder.
Eles, que vivem jogados,
por tantos ignorados,
também são filhos de Deus.

Nós, que estudamos,
muito trabalhamos,
sempre em Deus confiamos,
continuaremos de pé.

Tenhamos gratidão,
abramos o coração.
A mulher amando o homem,
o homem amando a mulher.

Assim bem viveremos na Terra,
que acabe toda guerra.
Cada um seja sempre o que é;
ignoremos o orgulho,
,a homofobia e o preconceito.
Cada um viva do seu jeito,
usufruindo do seu direito,
como ensinou Jesus de Nazaré.

Juro, confesso e prometo:
onde houver paz, estarei.
À Terra ainda voltarei;
aguardem-me e tenham fé.



Bernivaldo Carneiro

Terapia de Corredor em Alto-Mar

Após sete dias de cruzeiro, a comida já fazia parte da paisagem. Café da manhã monumental, almoço abundante, jantar interminável e lanches entre uma refeição e outra como armadilhas cuidadosamente planejadas.

Naquela noite, depois de mais um ataque ao bufê, Esmeralda levou a mão ao estômago.

— Estou me sentindo mal.

Ouvi. Ela repetiu a frase alguns minutos depois. Escutei novamente.

Na terceira vez, já estrategicamente próximo da porta, resolvi ajudar.

— Isso é falta de comida.

Esmeralda ergueu os olhos e, meio orgulhoso de meu raciocínio e coragem, prossegui:

— Você precisa comer mais.

O efeito foi imediato. Minha mulher avançou. Eu recuei.

Segundos depois, cruzávamos os corredores do transatlântico numa velocidade incompatível com nossa idade e as regras a bordo. Passageiros assistiam à cena como quem acompanha uma atração incluída no pacote turístico.

Corremos por alguns minutos. Ela tentando me alcançar e eu fugindo de suas garras. Quando finalmente a paz foi restabelecida, cheguei a uma conclusão científica.

Graças à minha coragem e espírito colaborativo, Esmeralda queimou algumas calorias naquela noite e eu aprendi que certas orientações nutricionais produzem exatamente o efeito contrário ao desejado.

Baltazar Pedra Branca

A cidade não foi construída.
Foi acumulada.
Primeiro vieram os abrigos,
erguidos contra o medo –
não contra o frio, não contra a chuva,
mas contra aquilo que não tinha nome.
Depois vieram as ruas,
tentativas de organizar o deslocamento,
de dar sentido ao ir e vir.
Mas o sentido nunca veio.
A cidade cresceu como cresce uma ideia
obsessiva:
sem controle, sem pausa, sem conclusão.
Sob o asfalto, ainda pulsa o que
existia antes –
uma matéria sem forma,
uma memória que não se deixa apagar.
À noite, quando as luzes falham
e o silêncio se infiltra entre os
prédios,
é possível perceber:
a cidade não nos protege.
Ela apenas nos distrai
do vazio que continua intacto.

O QUE VOCÊ EVITOU DIZER

Baltazar Pedra Branca

Não foi falta de palavra.
Foi escolha.
Você soube o que dizer,
soube quando dizer, soube
até como dizer. Mas
não disse.
Guardou. Como quem guarda
algo precioso – quando era
medo com
outro nome.
O tempo passou. Não levou.
Ficou.
Agora você imagina o que
teria acontecido.
Mas isso não existe.
O que existe é o que você
não fez.
E isso pesa mais.
Porque o que não foi feito
não acaba nunca.

